

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 9132 | Salvador, quarta-feira, 30.07.2025

Presidente em exercício Elder Perez



Reunião discute a IA nos bancos Página 3



BRASIL

Em nome da cidadania

Mais uma atitude da democracia social que faz o brasileiro se encher de orgulho. O programa *Agora Tem Especialistas*, do Ministério da Saúde, está fazendo com que os planos de saúde em débito com a União compensem a dívida com

atendimento ao pessoal do SUS, ou seja, as camadas mais vulneráveis da sociedade. A previsão é de até 100 mil atendimentos por mês por cada operadora. Uma excelente iniciativa para a construção da cidadania. Página 4

A democracia brasileira corre perigo Página 2

“O Brasil continua oligárquico”

MANOEL PORTO

Autor do documentário *Facada ou fakeada?*, no qual cita 10 perguntas não respondidas nas investigações sobre o suposto atentado em setembro de 2018 contra o então candidato a presidente, Jair Bolsonaro, em Juiz de Fora (MG), o jornalista Joaquim de Carvalho foi um dos palestrantes da 27ª Conferência dos Bancários da Bahia e Sergipe, realizada de 18 a 20 de julho, em Salvador.

Ele falou sobre a importância da mídia alternativa para a afirmação da democracia e, em entrevista exclusiva para **O Bancário**, disse que “o Brasil é um país oligárquico, com períodos democráticos”. Destacou o caráter golpista das elites e a necessidade de o governo abrir novos mercados para superar o tarifaço de Trump.

ROGACIANO MEDEIROS
imprensa@bancariosbahia.org.br



Democratas precisam retomar as ruas, aponta Joaquim de Carvalho

O BANCÁRIO: A democracia no Brasil ainda corre perigo?

JOAQUIM DE CARVALHO: Sim, corre perigo, como sempre correu. Historicamente. Em 1823, Dom Pedro I dissolveu a Assembleia Constituinte, no ato que ficou conhecido como Noite da Agonia, porque não aceitava a soberania popular. Dom Pedro I entendia que a soberania deveria ser compartilhada, entre o povo e o imperador. Em 1889, a Proclamação da República foi um golpe da elite. Ti-

vemos outros golpes, como o movimento que em 1954 Getúlio ao suicídio, a ditadura de 1964, a farsa do impeachment em 2016 e agora tentativa de golpe, em 2022. O Brasil é, efetivamente, um país oligárquico, com períodos de democracia. Ainda assim, uma democracia tutelada, antes pelo imperador, depois pelos militares. Estamos escrevendo uma nova página da nossa história e espero que consolidemos a democracia.

O BANCÁRIO: Onde mora o perigo?

JOAQUIM DE CARVALHO: No movimento das elites, que controlam os meios de comunicação corporativos. Na verdade, os donos das empresas de comunicação fazem parte da elite e também não aceitam a soberania popular. Até certo ponto, toleram. Mas acabam apoiando golpes, como em 2016 e também em 2018, quando Lula foi impedido de se candidatar.

O BANCÁRIO: Até que ponto o tarifaço de Trump pode afetar a economia brasileira e causar retrocesso no Estado Democrático de Direito?

JOAQUIM DE CARVALHO: No primeiro momento, se Trump não recuar, teremos prejuízo em alguns setores da economia, como agro, a Embraer e a indústria química. Mas o Brasil tem força e prestígio (com Lula) para abrir novos mercados. O problema é a elite aceitar a pressão dos EUA e pressionar pelo derrubada do governo, seja numa eleição com a força do poder econômico, ou seja, por “bruxarias”, como o impeachment de Dilma em 2016 ou a prisão política de Lula em 2018. São golpes com aparência de legalidade.

O BANCÁRIO: As ameaças de Trump têm força ao ponto de impedir as prisões de Bolsonaro e demais golpistas?

JOAQUIM DE CARVALHO: Não creio. O Brasil teria sua falência institucional se cedesse a Trump

O BANCÁRIO: Como você avalia os impactos das agres-

sões de Trump na corrida presidencial brasileira do próximo ano?

JOAQUIM DE CARVALHO: Se o Brasil não conseguir abrir novos mercados ou não obter o recuo de Trump, poderá haver desemprego, e, com o tempo, com apoio da mídia corporativa, a elite deve colocar a culpa em Lula, para desgastá-lo eleitoralmente. Porém, se o Brasil demonstrar resiliência na área econômica e abrir novos mercados (creio que ocorrerá isso), Lula se fortalece. Penso que o Brasil se fortalecerá.

O BANCÁRIO: Falta mobilização popular para neutralizar mais rápido a escalada da extrema direita?

JOAQUIM DE CARVALHO: Sim, os democratas precisam ocupar de novo as ruas e também as redes sociais. Já está ocorrendo isso, mas ainda timidamente. Como disse Castro Alves, a praça é do povo como o céu é do condor. Vote-mos às ruas.



Juros, um assalto ao bolso

COM a Selic em 15% ao ano, patamar que deve se manter na reunião do Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central, a ser encerrada hoje, tomar um empréstimo ou deixar de pagar o valor integral da fatura do cartão de crédito é um risco alto. Na verdade, um assalto ao bolso. Os juros médios cobrados pelos bancos no rotativo chegaram a 441,4% em junho.

No caso da taxa do cartão parcelado, chega a 182,5% ao

ano. O índice da segunda linha de crédito mais cara do mercado, o cheque especial, ficou em 137,5% ao ano. Já o do consignado, 26,3% ao ano.

As taxas cobradas no crédito livre para pessoas físicas chegaram a 58,3% ao ano. Para as empresas, os juros ficaram em 24,3% ao ano. Os dados reforçam que a política monetária precisa mudar para o país avançar.

A Selic nas alturas enfraquece os investimentos e o consu-

mo, sobretudo de bens duráveis. Sem contar que é a segunda maior causa para os brasileiros não quitarem as dívidas, de acordo com pesquisa divulgada pela plataforma Acordo Online.



FERNANDO FRAZÃO - AGÊNCIA BRASIL

Selic nas alturas dificulta pleno crescimento do país



Comando Nacional cobra responsabilidade dos bancos sobre uso de IA

IA no radar dos bancários

Categoria teme consequências desastrosas da Inteligência Artificial no emprego e salário

REDAÇÃO / imprensa@bancariosbahia.org.br

UM EM cada quatro postos de trabalho no mundo será impactado pela IA (Inteligên-

cia Artificial), segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho). A maioria dos empregos será transformada e vai exigir qualificação e requalificação profissional.

Mas, esta nova dinâmica não pode acontecer à revelia do trabalhador. Muito menos ter como objetivo o lucro acima de tudo. É o que o Comando Nacional dos Bancários cobrou da Fenaban (Federação Nacional dos Bancos), na segunda-feira, durante negociação sobre as novas tecnologias e a atividade bancária.

A mesa permanente é um espaço fundamental para discutir o trabalho no sistema financeiro com a IA, as preocupações da categoria e construir coletivamente caminhos que protejam os direitos dos trabalhadores frente às mudanças digitais.

A tecnologia não pode ser usada para acabar com os empregos e reduzir custos para os bancos aumentarem os lucros. Precisa, sobretudo, ser direcionada para o bem coletivo, quer dizer, dos bancários e da sociedade civil. Quem destaca é o presidente do Sindicato da Bahia, Elder Perez, presente na negociação, em São Paulo.

Bancários precisam de valorização

DURANTE negociação com a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos), na segunda-feira, o Comando Nacional dos Bancários apresentou dados da Consulta Nacional, segun-

do os quais a maioria expressiva da categoria entende que os ganhos de produtividade obtidos com os avanços tecnológicos devem ser revertidos em valorização profissional, com aumento real de salário e redução da jornada de trabalho para quatro dias semanais, sem corte salarial.

A categoria também quer transparência no uso da Inteligência Artificial dentro das instituições financeiras, especialmente em relação à vigilância dos trabalhadores, aos critérios de contratação e promoção, e à crescente desumanização nos processos de desligamento.



CONVÊNIO

Escola Sulamericana

O Sindicato acaba de firmar parceria com a Escola Sulamericana, que oferece da educação infantil ao ensino médio.

Bancários sindicalizados têm desconto de 40%. Dúvidas, sara.campos@escola-sulamericana.com.br; sandes@escolasulamericana.com.br; telefones: (71) 3374-0080 / (71)99958-4555.

A instituição está localizada na rua Thales de Azevedo, quadra 26, lote 15, Stella Maris, em Salvador.

Saúde para quem precisa

Planos em dívida com a União vão atender pacientes do SUS

CAMILLY OLIVEIRA
imprensa@bancariosbahia.org.br

A PARTIR de agosto, operadoras privadas vão atender pacientes do SUS (Sistema Único de Saúde) como forma de quitar R\$ 750 milhões de dívidas com a União. O programa *Agora Tem Especialistas*, apresentado pelo Ministério da Saúde com apoio da ANS (Agência Nacional de Saúde), transforma débito em serviço. Consultas, exames e cirurgias em seis áreas cruciais, como cardiologia, oncologia e ginecologia, vão che-

gar a quem mais precisa, sem custo, pela rede privada.

As dívidas são antigas: operadoras deixaram de ressarcir o sistema público por atendimentos que deveriam ter coberto. Agora, terão de devolver à sociedade, na prática. O atendimento seguirá as filas do SUS e será prestado conforme a demanda de cada região. Os planos só abatem a dívida depois de entregar o pacote completo de cuidados, do diagnóstico ao tratamento.

Estados e municípios vão escolher os serviços a partir de uma lista organizada pelo Ministério da Saúde. Cada operadora deverá oferecer pelo menos 100 mil atendimentos por mês. As menores, 50 mil, desde que atendam áreas críticas. Tudo será fiscalizado.

O programa rompe com a lógica antiga e injusta, em que o SUS sempre paga a conta. Agora, as empresas vão devolver em forma de cuidado o que nunca deveriam ter tirado. É uma medida que desfoga as filas e fortalece o direito à saúde.



Mais vulneráveis terão atendimento por plano



SAQUE

Rogaciano Medeiros

SOBERANIA, SEMPRE Do ponto de vista da dura disputa que a democracia social trava com o projeto ultraliberal, a civilidade com a barbárie, e sem dúvida a eleição presidencial do próximo ano é fundamental, muito pior do que desemprego, recessão e a investida da mídia corporativa é o governo Lula abrir mão da soberania nacional. Se igualaria ao entreguismo da súcia bolsonarista.

SERIA MORTAL Com exceção dos quatro anos da tragédia Bolsonaro (2019-2022), o Brasil sempre respeitou a soberania das nações e apostou na diplomacia para solucionar conflitos de interesse, como agora, no tarifaço de Trump. Porém, estar aberto ao entendimento não significa, de modo algum, ceder às imposições dos EUA. Seria a sentença de morte da democracia social.

PAGANDO DÍVIDAS Apesar das ameaças de Trump e do apoio lesa-pátria dos bolsonaristas, o julgamento da trama golpista segue normalmente no STF, deixando Bolsonaro e demais réus mais próximos da cadeia. Se o Supremo tivesse punido os crimes da Lava Jato, impedido a farsa do *impeachment* e a prisão ilegal de Lula, a extrema direita não teria se criado no Brasil.

NÃO FALHOU No Estado democrático de direito, a mentira tem um custo alto. Mistura de fanatismo religioso com improbidade administrativa, o ex-procurador federal Deltan Dallagnol, que junto com Moro protagonizou os crimes da Lava Jato, está condenado a pagar indenização de R\$ 135 mil a Lula pela *fake news* do *powerpoint* de 2016. “A Justiça tarda, mas não falha”. Às vezes.

ATITUDES CONTAM Como dizem os sábios, mais do que palavras, o que conta mesmo são as atitudes. Pois bem, pela segunda vez o presidente Lula retira o Brasil do Mapa da Fome, com exitosas políticas públicas, e mostra que, bem além do voto livre, a democracia social prioriza a redução da pobreza e das desigualdades. Enquanto isto, os bolsonaristas lambem as botas de Trump.

Brasil, exemplo para o fim da fome global

ENQUANTO a fome se mantém como arma de dominação em boa parte do mundo, o Brasil mostra ser possível combatê-la com soberania, justiça social e Estado presente. O mundo não fracassa por falta de recursos, mas por escolhas políticas.

O cenário global é preocupante, aponta a ONU (Organização das Nações Unidas). Segundo o relatório da FAO, 673 milhões de pessoas passaram fome em 2024 e 2,3 bilhões convivem com insegurança alimentar.

A desigualdade estrutural, os

conflitos armados e o colapso climático devastam populações inteiras, especialmente na África Subsaariana, onde mais de um bilhão de pessoas não con-



Brasil é referência contra a fome

seguem pagar por uma alimentação saudável, índice que cresce em vez de cair.

Mulheres e populações rurais são os rostos mais atormentados pela fome. Em todos os continentes, sofrem desproporcionalmente os efeitos da financeirização dos alimentos, resultantes do projeto ultraliberal. O custo médio de uma dieta saudável subiu para US\$ 4,46 por pessoa/dia, enquanto alimentos ultraprocessados seguem baratos e acessíveis, criando um *apartheid* nutricional cruel

e muito lucrativo para grandes corporações.

